

RELAÇÕES INTEGERACIONAIS ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Artigo elaborado para uma disciplina do Mestrado em Educação para alunos especiais

2017

Márcia Aparecida de Camargo Yamanaka

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Brasil

marcia_sueharu@hotmail.com

Maria Cristina Ribeiro dos Santos Costa

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Brasil

cristinaribeirocosta@hotmail.com

Josiane Peres Gonçalves

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Brasil

josiane.peres@ufms.br

RESUMO

O presente estudo tem por finalidade refletir sobre o desenvolvimento humano, especialmente sobre a juventude e idade adulta, evidenciando como ocorrem as relações em sala de aula, entre estudantes universitários com menos de 20 e com mais de 40 anos de idade. A pesquisa de campo foi realizada com dez pessoas que estudavam em uma universidade pública, sendo cinco consideradas jovens, por terem entre 18 e 19 anos, e cinco consideradas pessoas de meia idade, por terem entre 41 e 53 anos. Os resultados indicam que apesar de idades divergentes, existe a possibilidade de todos terem uma boa interação em sala de aula, e que os conflitos ou preconceitos que possam surgir ocorrem devido a subjetividade de cada pessoa. Todos os participantes da pesquisa, independente da idade, buscam os mesmos ideais, caracterizados pela possibilidade de poder trabalhar na área profissional que escolheram.

Palavras-chave: Desenvolvimento humano, jovens, adultos, universidade.

Copyright © 2018.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



1. INTRODUÇÃO

Atualmente o mundo passa por continuas e rápidas transformações e, nesse cenário, adaptar-se às novas exigências sociais torna-se necessário para pessoas de diversas faixas etárias. Por esse motivo, muitos decidem voltar a estudar, sendo possível perceber nos espaços educativos a convivência entre alunos de diferentes idades.

No caso de adultos que já têm mais de 40 anos, entendidos como pessoas de meia idade, conforme Bee (1997) e Papalia, Olds e Feldman (2013), cada vez mais eles estão optando pelo ingresso nas universidades em busca de novas conquistas, novas experiências ou de oportunidades que não tiveram acesso durante a juventude. Trata-se de um momento da vida em que muitos têm liberdade de escolha e resolvem mudar ou iniciar uma profissão, ou ainda buscam novas aprendizagens que resultam em mudanças no processo de desenvolvimento humano.

É importante destacar que muitos desses adultos de meia idade não tiveram condições de prosseguir nos estudos anteriormente, seja pela chegada dos filhos, por outras necessidades pessoais, profissionais ou familiares, ou ainda pela dificuldade de ter acesso ao ensino superior. Porém, com algumas políticas governamentais, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e Sistema de Seleção Unificada (SISU), entendido como “[...] sistema informatizado gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC) no qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatos participantes do (Enem)” e ainda as vagas reservadas de acordo com a Lei nº 12.711/2012, conhecida com Lei de Cotas (BRASIL, 2012), atualmente é possível pessoas de várias idades terem condições de entrar na universidade e concluir o ensino superior.

Diante desse contexto, em que muitos adultos de meia idade e até idosos ingressam nas universidades, surgem alguns questionamentos: Será que essas pessoas, que geralmente ficaram muito tempo afastadas da escola, conseguem aprender e acompanhar o curso a que se propuseram a fazer? E como ocorrem as relações em sala de aula com alunos de outras idades, muitas vezes bem mais novos ou ainda na fase da adolescência? Será que esses adultos vivenciam algum tipo de preconceito? O que eles têm a dizer sobre essa experiência? E o que os alunos mais jovens pensam

sobre essa questão intergeracional, que consiste em conviver no espaço educativo com pessoas de mais idade?

Partindo desses questionamentos surgiu a curiosidade de saber como universitários jovens e adultos se sentem ao conviver em um mesmo ambiente, justificando assim a realização do presente estudo que tem como objetivo geral, refletir sobre o desenvolvimento humano, especialmente sobre a juventude e idade adulta, evidenciando como ocorrem as relações em sala de aula, entre estudantes universitários com menos de 20 e com mais de 40 anos de idade.

Os objetivos específicos da pesquisa são: compreender como as pessoas que geralmente ficaram muito tempo afastado da escola conseguem aprender e acompanhar o curso a que se propuseram a fazer; discutir como ocorrem as relações em sala de aula com alunos de outras idades, muitas vezes bem mais novos ou ainda na fase da adolescência; identificar se os jovens e adultos vivenciam algum tipo de preconceito; analisar o que os adultos de meia idade têm a dizer sobre essa experiência e o que jovens e adultos pensam sobre essa questão intergeracional convivendo em um mesmo espaço educativo.

Para a realização da investigação, faremos uma breve contextualização das fases da vida correspondentes à juventude e idade adulta e posteriormente apresentaremos os resultados de uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, realizada com universitários com menos de 20 e com mais de 40 anos, que estudam na mesma universidade.

2. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO A PARTIR DA JUVENTUDE

Embora não sendo rígidas as idades que caracterizam cada fase do desenvolvimento humano, é possível afirmar que entre os 18 a 25 anos ocorre a transição da adolescência para a idade adulta, sendo caracterizada como juventude. Assim, Ribeiro (2011, p.16) ressalta que “[...] a juventude é também chamada de segunda adolescência, adolescência superior ou período de amadurecimento adolescente. É uma etapa de transição até o indivíduo chegar à autonomia e à responsabilidade plena”, podendo ser marcados por conflitos de gerações em que os jovens buscam ser independentes contrapondo-se aos mais velhos, para conquistar a própria autonomia.

Nesse sentido, a juventude passa por algumas etapas de relacionamento com o outro, na qual irá obter novas experiências fora do contexto familiar que irão nortear suas vidas. Para Mosquera e Stobaus (2009), os adultos jovens possuem características físicas e personalidades dotados de fortes impulsos, e esclarece essa fase como:

Uma grande vitalidade e uma valorização da individualidade. O adulto jovem está dotado dos mais fortes impulsos, os quais se manifestam, tanto pela impulsividade como pelo emprego vivo de suas forças. Seu estado de espírito frente à vida alcançou, por regra geral, um elevado nível. A alegria de viver e o prazer da existência lhe fornecem perspectivas (MOSQUERA; STOBAUS, 2009, p. 80).

Os autores salientam que geralmente nessa fase da vida o jovem se apresenta com muita resistência física sem se desgastar, podendo realizar várias atividades ao mesmo tempo, podendo implicar em uma constante busca de seus ideais e reconhecimento por suas conquistas.

Ribeiro (2011) ressalta que a fase correspondente ao adulto jovem inicial, compreendida entre os 25 a 30 anos, é a continuidade de todos os aspectos da fase anteriormente enfatizada (juventude). Enquanto que a fase adulta vai dos 30 aos 50 anos, também chamada de amadurecimento ou idade da plenitude, é quando o indivíduo costuma fazer uma reflexão sobre sua história de vida, analisando a perspectiva de erros e acertos procurando avaliar tudo aquilo que viveu até então.

Não podemos deixar de mencionar, que a velhice é definida por um fator cronológico, que de acordo com Schneider e Irigaray (2008, p. 589), “[...] a idade cronológica pode ser entendida como algo absoluto e nela são fixadas propriedades que podem ser medidas” como, por exemplo, entendemos por uma idade média entre 45 a 59 anos. Na atualidade se percebe a idade dos idosos como um fator funcional, dependendo da capacidade e da autonomia de cada pessoa, da vontade de querer aprender para desenvolver de alguma maneira sua independência no meio em que vive.

A vida adulta tardia, compreendida entre os 50 a 60 anos, é marcada por situações opostas, podendo ser vivida de maneira prazerosa ou de vivências difíceis por homens e mulheres, conforme Ribeiro (2011). Muitas vezes a pessoa pode se sentir como se fosse um “peso” para a família ou a sociedade, sendo também um período caracterizado pelo luto da juventude perdida e pelas metas que não pôde ou não conseguiu alcançar. Surgem então os questionamentos referentes ao trabalho, família e amizade. Outros, no entanto, sentem-se livres por poder viver a própria vida, por já ter cumprido algumas funções sociais, como por exemplo, a de educar e acompanhar o crescimento dos filhos (GONÇALVES, 2016)

Santos e Antunes (2007) destacam que dos 70 aos 75 anos, corresponde a etapa da vida adulta velha plena, em que o indivíduo precisa demonstrar sua capacidade de realizar algumas atividades sem depender dos outros, em uma busca de autonomia e reconhecimento do que ainda é capaz de fazer, momento que tem a necessidade de ser aceito como ele é, sem se sentir rejeitado pela

sociedade. Nessa fase o indivíduo passa por transformações biológicas e psicológicas o que implica na busca da sua autorrealização.

Para Ribeiro (2011), os idosos que ultrapassaram a idade de 85 anos, vivem uma etapa caracterizada pela tendência maior de enfermidades, os quais podem ter enfraquecimento físico com mais dificuldades em realizar tarefas diárias que normalmente realizavam, segregação da família e da sociedade, perda das funções motoras e por fim a morte.

Cabe salientar que com o aumento da perspectiva de vida, as sociedades ocidentais industrializadas têm buscado formas de melhorar as condições de vida dos idosos. No caso do Brasil, existe a Lei nº 10.741 que já no Art. 1º estabelece: “É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos” (BRASIL, 2003). Ou seja, são consideradas idosas as pessoas com idade igual ou superior de 60 anos e com isso a sociedade vem mudando esse conceito. Também o próprio idoso está se modificando, buscando outras formas de vivenciar a velhice, com maior qualidade de vida.

Para Dobert (2012), as novas imagens e formas de vivenciar a velhice no contexto brasileiro, em que anteriormente era visto como momento de declínio da saúde física e mental, fizeram com que mudassem os modos de pensar o envelhecimento e que esses problemas de saúde que até então eram exclusivos apenas dos idosos, podem afetar pessoas em diversas faixas etárias. Desse modo, essa nova visão em relação as pessoas de mais idade, possibilitaram novas formas de vivenciar o envelhecimento e espaços que já foram exclusivos para os jovens, na atualidade vem sendo ocupados por pessoas mais velhas.

A concepção da velhice como conjunto de perdas foi fundamental para legitimação de direitos sociais. Entretanto, as novas imagens do envelhecimento, na luta contra os preconceitos, tratam de acentuar os ganhos que os avanços da idade traz (DOBERT, 2012, p. 68).

Ou seja, se formos contextualizar o período da velhice em outros momentos da história, percebe-se que o as pessoas ditas velhas tinham uma expectativa menor de vida, e quando esta ocorria, era de maneira bastante sofrida, pois a maioria dos idosos terminavam seus dias de vida sem saúde, sem muitas condições de vida, de modo que já foram grandes as conquistas dos idosos até a atualidade.

3. ADULTOS DE MEIA IDADE E SEU ESPAÇO NA SOCIEDADE

Algumas pesquisas, de acordo com a Agência Brasil (2007), sinalizam que as pessoas estão vivendo mais, havendo maior probabilidade de chegar à velhice, alguns com mais vitalidade outros com menos. Sabemos que esse fato provoca mudanças na sociedade de ordem social, cultural ou política.

A velhice é um fenômeno que independente da sua posição social, se rico ou pobre, irá acontecer para todos que tiverem vida longa. No entanto, sabemos que por mais que se procure entender o desenvolvimento do ser humano, a vida adulta é pouco estudada, se levarmos em consideração que temos mais tempo para viver como idosos do que como jovens.

A Vida Adulta abrange a maior parte da vida humana, tanto no que diz respeito às suas dimensões cronológicas quanto psicológicas, culturais e, especialmente sociais. Sabemos que é na fase da Vida Adulta que os eventos mais significativos se fazem sentir e quando também os comportamentos adultos servem para influenciar e alterar situações no intercâmbio geracional (MOSQUERA; STOBBAUS, 2009, p. 29).

Algumas reflexões podem se fazer presente entre os adultos de meia idade, tais como: Por que não ir em busca de novas conquistas? Por que não se dar a chance de fazer algo diferente que eleve a sua autoestima? Por que não sair da “mesmice” e ir em busca de algo novo que resulte em evolução e aprendizado?

De acordo com Mosquera (1987), o sentido de ir a busca de algo novo está sendo atribuída pelo fato de se ter uma maior valorização da pessoa, como indivíduo dentro da sociedade e essa impulsividade está presente em cada pessoa que se dá a chance de investir no próprio desenvolvimento e aprendizagem. Uma das possibilidades de buscar se desenvolver é voltando para a escola, a fim de ampliar o nível de formação e se manter atualizado diante das transformações da sociedade. Uma das matérias publicadas pelo *site* da Revista Veja (VEJA.COM, 2012) destaca que “Um terço dos brasileiros com curso superior volta à universidade depois dos 40 anos”, cujos dados foram baseados no relatório Educação e Deslocamento, do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Este indicador revela que cresce o percentual de ingressos na universidade de pessoas acima de 40 anos, que o índice chega a 30,1%. Esse tipo de comportamento tende aumentar ainda mais, com o aumento da perspectiva de vida da população.

4. CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO: RELAÇÕES INTERGERACIONAIS ENTRE ADULTOS E JOVENS NA UNIVERSIDADE

Para abordarmos a questão das relações que ocorrem entre diferentes gerações no mesmo espaço acadêmico, foram analisados alguns artigos que pudessem esclarecer essa relação entre jovens e adultos na universidade. Percebemos que há poucas pesquisas relacionadas a esta temática e assim procuramos investigar a experiência educacional vivenciada por pessoas de idades diferentes que convivem em sala de aula no ensino superior. Sabemos que nas relações entre os alunos existem conflitos, mas quando se trata da convivência entre pessoas de diferentes idades, os conflitos podem ser ainda maiores, tendo em vista que cada indivíduo tem uma maneira particular de pensar e agir.

De acordo com Oliveira et al. (2003, p. 56), “[...] a imensa multiplicidade de conquistas psicológicas que ocorrem ao longo da vida de cada indivíduo gera uma complexa configuração de processos de desenvolvimento que será absolutamente singular para cada sujeito”. Com as mudanças sociais às pessoas vem se modificando e assim surgem novas formas de convivência, podendo se destacar a convivência entre adultos de meia idade e jovens em um ambiente universitário.

Cordeiro (2009, p. 43) explana que “[...] a juventude, como construção social, situa-se em um terreno arenoso de difícil resolução”, sendo um grande desafio lidar com essa heterogeneidade entre jovens e adultos de diferentes idades, devendo ser respeitados e valorizados como cidadãos de direito a uma mesma educação de qualidade.

Nesse sentido, Morin (2010, p. 25) sugere que deve-se “[...] reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer [...] a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana”. O desenvolvimento humano se constrói com base nas suas características pessoais, cada um tem seu contexto familiar, suas experiências de vida, sua cultura o que define suas diferenças no contexto social em que vivem.

Essa fase dos jovens adolescentes é propícia a escolhas, por se tratar da fase em que eles costumam enfrentar diversos desafios, e às vezes ocorrem situações de conflitos e de dúvidas sobre o que realmente deseja para sua vida futura. É por esse motivo que muitas vezes os jovens em relação aos mais velhos se sentem meios receosos com o que dizem, já esperando uma certa recusa por parte das pessoas mais experientes, podendo resultar mal-estar entre ambos os lados.

Mas analisando por outro ângulo, pode se tratar de um incentivo essa relação intergeracional, uma vez que as barreiras estão sendo ultrapassadas e muitos entendem que está tudo liberado, que não existe mais essa questão de jovem ou de velho, porque todos, independente da faixa etária, devem ser vistos como seres humanos, que têm os mesmos direitos para viver em sociedade. De acordo com Neri (1995, p. 24), “[...] o desenvolvimento é visto como um processo contínuo de adaptação que dura por toda a vida, relacionando a processos internos em interação com as atividades externas e os processos sócio históricos”. Dessa forma, faz-se necessário que a pessoa para manter seu bem estar físico e social dentro de um mesmo espaço, como na sala de aula de uma universidade, deve levar em conta seus valores individuais e sociais dentro do contexto que se está inserida, incluindo sua história de vida, experiências e atitudes em relação ao outro.

Os aspectos culturais também se interrelacionam, interferindo na construção subjetiva dos indivíduos, que pode resultar em situações positivas e ao mesmo tempo podem ser frustrantes, devido as implicações do sentir, do poder e do querer.

O ser humano, considerado um ser inacabado, mas a quem se reconhece capacidade para, permanentemente, e ao longo da sua vida, procurar saber, realizar e valorizar, em qualquer contexto e situação, as suas potencialidades, competências e qualidades que se julgam sempre aquém de uma plena realização e harmonização (PAULA, 2007, p. 4).

É necessário que nos espaços em que há a convivência de diversas gerações, como nas universidades, por exemplo, que todos estejam abertos ao aprendizado, ao desenvolvimento pessoal e social. Que a troca de saberes entre jovem e o adulto seja visto como um meio para que se construam novos caminhos para o desenvolvimento de novos conhecimentos, compartilhando experiências, que possam ser somadas à trajetória de sua vida. É o que Dewey citado por Jarvis (1996, p. 15) reflete: “A predisposição para aprender a partir da própria vida e para criar condições, de tal forma que todos possam aprender ao longo da existência, é o produto mais nobre da escolaridade”. Pimenta (2010, p. 13) enfatiza que:

[...] a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no ato do nascimento: constrói-se na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida. O indivíduo nunca constrói sua identidade sozinho: depende tanto dos julgamentos dos outros, como das suas próprias orientações e auto definições. Assim, a identidade é produto de sucessivas socializações.

Em suma, todas as experiências vivenciadas com o outro contribuem para o desenvolvimento humano, construindo assim sua identidade na sua interação com o meio que se apresenta na sociedade.

5. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Com a finalidade de caracterizar a inter-relação do jovem com o adulto de meia idade na universidade, este estudo foi desenvolvido baseando-se na abordagem qualitativa de caráter analítico descritivo. De acordo com Esteban (2010, p. 128), a pesquisa qualitativa implica em uma “[...] preocupação direta com a experiência tal como ela é vivida, sentida ou experimentada”, o que nos remete a compreensão do objeto de estudo.

Para a realização da coleta de dados, foram utilizados questionários contendo 15 perguntas abertas, que foram respondidas por acadêmicos do curso de Pedagogia de uma universidade pública do interior do Estado de Mato Grosso do Sul. Os participantes da pesquisa foram cinco jovens com idade de 18 e 19 anos, representados no Quadro 1, pela letra “J” de jovens seguidos pelos número de identificação de 1 ao 5; e estudantes com idades entre 41 a 53 anos, representas no Quadro 2 com a inicial “A” de adulto, com identificação de 1 ao 5. Entre os adultos foi destacado também o tempo que ficaram sem estudar antes do ingresso na Universidade.

Quadro 1. Identificação dos jovens estudantes do curso de Pedagogia

Identificação	Sexo	Idade (anos)
J.1	Feminino	18
J.2	Feminino	19
J.3	Feminino	19
J.4	Masculino	18
J.5	Masculino	18

Fonte: Autoras (2017)

Quadro 2. Identificação dos adultos estudantes do curso de Pedagogia

Identificação	Sexo	Idade (anos)	Tempo de afastamento, sem estudar (anos)
A.1	Feminino	41	19
A.2	Feminino	43	23
A.3	Feminino	48	25
A.4	Feminino	49	24
A.5	Feminino	53	30

Fonte: Autoras (2017)

Para a realização da coleta de dados, conversamos individualmente com os estudantes de Pedagogia, explicamos sobre a relevância da investigação e então entregamos um questionário, sendo dado o prazo de uma semana para ser devolvido respondido. Após o recebimento dos questionários preenchidos, fizemos a leitura das respostas, analisamos e selecionamos as principais informações, de acordo com os objetivos da pesquisa.

Durante o processo de organização e análise dos dados, procuramos entender a realidade dos adultos, que por alguma razão não concluíram os estudos enquanto jovens, e perceber os sentimentos e perspectivas em relação a essa entrada na universidade. Buscamos analisar a particularidade de cada sujeito da pesquisa e a maneira em que foram inseridos no contexto acadêmico, como forma de dar continuidade aos estudos que outrora foram interrompidos. Também procuramos perceber como os adolescentes que ingressaram na faculdade, assim que terminaram ensino médio, percebiam esse novo contexto educativo, caracterizado pela interação de estudantes de diversas faixas etárias.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mediante a análise dos questionários, percebemos que, quanto ao perfil dos adolescentes, eles eram todos solteiros (as), sem filhos, quatro trabalham e um não trabalhava fora porque veio de outra cidade e recebe uma bolsa da universidade. Dois eram homens e três eram mulheres e todos ingressaram na universidade após o término do ensino médio.

Quanto ao perfil das pessoas de meia idade, elas eram todas mulheres casadas, tinham entre um a três filhos, a maioria trabalhava fora e também cuidava da casa e dos filhos. Um ponto importante em relação ao ingresso na Universidade, é que todas ficaram muito tempo afastadas da escola, entre dezenove a trinta anos. Entre elas, três cursaram o ensino médio normal, uma fez

ensino técnico profissionalizante e outra estudou em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Ao explicar porque resolveram voltar a estudar, as pessoas adultas de meia idade disseram que era para dar continuidade aos estudos e porque os filhos cresceram. Percebemos que sendo todas mulheres, provavelmente enquanto os filhos eram pequenos, era mais difícil priorizar os próprios estudos porque havia a necessidade de cuidar das crianças. Somente posteriormente é que essas mulheres optaram por voltar a estudar e investir no próprio crescimento pessoal e intelectual.

Neste momento da vida adulta fica evidente a necessidade de ressignificar, todas as condutas sociais e buscar modos significativos de viver pessoalmente. Os motivos internos de tornar-se útil aos demais, talvez pela disponibilidade de tempo, ou por motivações externas de sentir-se bem, assim como a busca por uma qualidade de vida não descoberta, podem ser alguns dos aspectos que possibilitem novas vivências (SANTOS; ANTUNES, 2007, p. 154).

Podemos notar que o adulto procura em dado momento de suas vidas dar sentido a algo que não pode ser realizado em consequência da família ou dos filhos por serem dependentes. Nesse contexto, ter filhos crescidos representa um momento propício para realização de projetos adiados. Para Ribeiro (2011, p. 23), trata-se do momento em que há a “[...] necessidade de fixar nova meta em sua relação com a família e a si mesmo”.

Quando questionados os participantes jovens em relação ao ingresso na universidade, a maioria respondeu que era devido a “busca de uma formação profissional”, exeto o J.4 que assim destacou: “Realização do meu sonho e dos meus pais. Estudar para amenizar o sofrimento”. Refletindo sobre esta fala, podemos relacionar o que sinaliza Bertbound (2010) sobre as relações familiares, em que cabe a cada membro da família uma função designada de responsabilidade de determinadas funções, cabendo aos pais o sustento econômico e aos filhos adolescentes a tarefa de trabalhar e/ou estudar. Investir na formação e na educação dos filhos é uma das maiores preocupações das famílias, devido “[...] a importância dos estudos, passado de uma geração a outra nessas famílias.” (p. 190).

No que se refere a “quantidade de tempo fora da Universidade ou escola”, todos as pessoas adultas ficaram muito tempo sem estudar e apesar desse distanciamento, não perderam o interesse e aguardaram o tempo oportuno para retornar. Santos e Antunes (2007) sinalizam que se trata de um momento em que o adulto procura refazer sua vida frente a sociedade com a intenção de ser

útil e aprender o que é ser útil. Sendo possível, por meio da motivação, desempenhar atividades demonstrando ser capaz de superar seus próprios erros.

Outro destaque que chamou a atenção em relação à maneira pela qual os adultos vivenciaram a volta aos estudos, suas expectativas e convivência com jovens em um mesmo espaço universitário, foi o fato de demonstrarem explicitamente que tiveram um certo receio:

Um espaço de jovens. Muitas vezes eu era criticada pelas alunas jovens que diziam que os velhos atrapalhavam eles fazerem festas, matar aulas e alguns professores também tinham certa resistência com os mais velhos. Para muitos era visível que preferiam as mais jovens (A. 1).

Na época foi assim um pouco temeroso, porque a princípio eu achava que não iria conseguir por ter ficado tanto tempo fora da escola, [...], em alguns momentos eu me sentia incapaz, eu me lembro de uma professora da universidade que me incentivou muito me fazendo acreditar que era capaz. Em relação aos adultos de meia idade e jovens convivendo em um mesmo espaço universitário, acho legal essa convivência, acredito que um aprende com o outro, deve haver respeito de ambos os lados para que na convivência não exista preconceito (A.2).

No começo fiquei assustada, sabia que não seria fácil. A convivência no espaço universitário entre adultos e jovens é muito benéfica para ambos, pois a experiência que o adulto traz para sala de aula muitas vezes leva os mais jovens a refletir sobre as suas ações e essa situação também ocorre com o adulto, pois ambos têm experiências pessoais para trocar enriquecendo a formação. Porém, essa troca em muitas ocasiões não acontece, existe na sala de aula uma divisão clara de grupos dos jovens e adultos e quando ocorre à mescla algumas vezes o adulto é deixado de lado, ou seja, as suas ideias não prevalecem. E quando ele tem facilidade em aprender a se comunicar, então ele se sobressai no grupo e passa a ter voz (A.3).

Primeiramente foi muito medo, não sabia o que poderia estar me esperando, será que eu daria conta? Não me sentia preparada, fiz muitos questionamentos também do porquê só agora... Será que não seria muito tarde? Ao mesmo tempo havia esperança, já que eu tinha conseguido ingressar na universidade, isso poderia ter algum significado (A. 4).

Quanto a convivência no mesmo espaço, para mim isso é natural, todos temos os mesmos direitos (A.5).

Esse momento de expectativa foram demonstradas com um pouco de temor, talvez porque os adultos estivessem muito tempo fora dos estudos, a percepção de incapacidade de acompanhar os jovens nesse processo de aprendizagem do novo pudessem lhes causar um certo medo. O que para a sociedade o envelhecimento traz consigo a percepção de que as pessoas já desenvolveram suas potencialidades e se não as desenvolveu, já passou seu tempo. Nesse sentido Schneider e Irigaray (2013, p. 592) enfatizam:

Na sociedade atual convive-se com diferentes tempos: o tempo do indivíduo e o tempo social. As regras sociais determinam o tempo para ir à escola, começar uma carreira, casar, ter filhos, ter netos e se aposentar. As pessoas procuram estar dentro do tempo social, sentindo-se mal quando estão atrasadas ou adiantadas.

Devido a esse “tempo social”, muitas pessoas podem sentirem-se deslocadas em determinados contextos, e as relações podem se tornar conflituosas, por haver preconceito em relação ao mais velhos que estão em um local considerado para “jovens”, e em relação aos jovens por serem vistos pelos mais velhos como “desinteressados”. Mas se houver o respeito, as situações podem resultar em aprendizagens coletivas tanto para os jovens, quanto para os adultos.

Ao comentar sobre as suas expectativas em relação a universidade, os cinco jovens que participaram da pesquisa disseram que era para adquirir conhecimentos e ter uma “boa formação profissional”. Para Oliveira et al. (2013), os adolescentes se encontram num processo de conquista de autonomia e para eles o futuro se coloca como uma interrogação, sem saber o que os espera durante a vida adulta.

Para entender se há preconceito no meio acadêmico, devido a existência de relações intergeracionais, foi feito o seguinte questionamento aos adultos: “Você acha que essas relações são bem resolvidas ou existe algum preconceito em relação ao adulto?” Entre as cinco participantes com mais de quarenta anos, duas responderam:

Existe um preconceito. A impressão que se tem é de que ali não é nosso lugar e que estamos tomando o lugar de outros jovens e para muitos se já temos uma família, filhos criados não precisamos estudar. (A1)

Bem, acho que em alguns momento existe o preconceito, me lembro de uma colega de sala mais jovem, que por ser realizados os trabalhos em grupo em sala, uma vez não quis que eu

estivesse no grupo e em muitos momentos se mostrava a dona do saber, mas isso me fez muito mais forte e eu não desisti diante desse obstáculos (A.2).

O que se pode perceber em relação as respostas dos adultos pesquisados é a existência de um certo mal-estar no ambiente acadêmico, fazendo com que se sintam inadequados naquele espaço com muitos jovens. Para Schneider e Fonseca (2013), as pessoas em um mesmo espaço como adultos e jovens, com idades divergentes, podem gerar conflitos geracionais se configurando em reflexões de que “esse não é o meu lugar” ou de que “esse é o meu lugar”. No caso da sala de aula, as tensões existem entre alunos e em algumas situações entre professores também e, muitas vezes, os adultos ficam deslocados por estarem em ambientes onde existem mais pessoas jovens.

Outras participantes da pesquisa, apesar de perceberem a existência de algum preconceito, acreditam que pode ser uma questão de como a pessoa se percebe e se sente nesse espaço, conforme relato da A.4: “Sim existe, mas se não for levado a sério esse preconceito, eles [jovens] vão se acostumando, depois fica tudo normal”. Nas palavras da A.5 foi observada a possibilidade de um maior aprendizado, assim como a naturalidade de convivência percebida pela (A.3):

Na verdade se houve algum preconceito nem percebi, tentei ficar de igual para com eles, não passou pela minha cabeça que eu pudesse ensinar algo e sim que eu pudesse aprender com eles. Na minha concepção de jovem é que eles são mais espertos, aprendem rápido e estão mais próximos das tecnologias atuais (A.5).

Penso que as relações são bem resolvidas. E que não há nenhum preconceito. No meu caso sempre fui tratada com igualdade, tanto que nunca percebi que eu era a mais velha da sala (A.3).

Os jovens, quando questionados se existe preconceito, a maioria respondeu que não há, exeto um que acredita não haver preconceito, mas percebe que “os mais velhos se sentem inferiorizados”. Evidencia-se então que essa visão de preconceitos são mais por partes dos adultos, eles não se sentem bem junto com os mais jovens, enquanto que os jovens estão mais abertos a uma relação amigável. Neste sentido, Galiza (2014, p. 117), fundamenta-se em Paulo Freire ao afirmar que “[...] a auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade, ou a perdem, não podem se aproximar do povo.[...] Nesse lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que em comunhão buscam saber mais”.

Quando as pessoas adultas foram questionadas se “A sociedade está tendo uma nova visão em relação às pessoas adultas de meia idade que voltam a estudar depois de algum tempo”, todas

responderam que “sim” e acreditam a sociedade é a grande incentivadora para que isso aconteça, conforme relatos de cada participantes:

Sim, de maneira geral a sociedade está aceitando esse novo quadro. Porque as mudanças acontecem muito rápido o que exige cada vez mais profissionais capacitados para atender a demanda e o jovem muitas vezes mesmos estando na universidade não tem definido o que quer ser ou fazer diferente das pessoas de meia idade que sabem o que querem (A.1).

Sim. Acredito que a sociedade é uma das importantes impulsionadoras para que os adultos de meia idade volte aos bancos escolares ou universitários, a sociedade te cobra muito, seja no trabalho para um bom desempenho de formação, ou seja para você se sobreviver na sociedade com uma mente mais aberta, podendo fazer parte de uma discussão de determinado assunto, ter seu próprio ponto de vista mais crítico, podendo assim se sobre sair em determinadas situações (A.2).

Sim, a socialização dos jovens com os adultos de meia idade é satisfatória, sem problemas (A.3).

Sim, hoje a falta de profissionalização no mercado de trabalho tem levado as pessoas aos bancos escolares. O número de pessoas de meia idade tem aumentado e muito e a sociedade tem sentido essa volta como necessária (A.4).

Sim, com certeza. Hoje isso esta natural, não devemos parar nunca a vida não para e temos tudo para progredir, isso ajuda para uma vida mais saudável e feliz, ou seja, o conhecimento ajuda a crescer e nos ensina a viver melhor (A.5).

De acordo com Dobert (2012), no contexto em que a velhice é apresentada como uma situação real que vem sendo privilegiada para realização pessoal de cada pessoa. Para tanto, homens e mulheres buscam uma nova perspectiva de vida, na qual encontra uma nova carreira profissional, dando continuidade a alguns sonhos que por ventura foram adiados diante das obrigações que a vida adulta impõe.

Nesse sentido, muitas vezes a sociedade impõe essa busca por mudança na qual muitas pessoas voltam a refletir sobre suas vidas fazendo com que retornem aos estudos. Para os jovens, quando questionados sobre: “Você acha que a sociedade esta tendo uma nova visão em relação as pessoas adultas de meia idade que voltam a estudar depois de algum tempo? Em suas respostas, a J.1 relata: “Sim, acho que a sociedade veem como uma pessoa interessada, e que se esforçam e muito para correr atrás do tempo que foi perdido”. O J.4 menciona sobre a importância de voltar aos estudos nos dias atuais: “Sim, ocorre uma motivação devido ao desemprego, crise, etc... Se

com estudo está difícil, agora imagine sem estudo? A população está retornando a sala para poder ter um bom salário”. Percebemos em em todas as fases desse ciclo o indivíduo tanto jovem quanto adulto são desafiados a ir em busca de novas perspectivas de vida, em uma mudança de postura para alcançar um bom desempenho profissional e social.

No que se refere a questão seguinte, se as “Pessoas ditas “velhas” estão tendo uma nova expectativa quanto a sua condição de pessoa que já tem uma experiência maior de vida”, as respostas das mulheres adultas foram unânimes em afirmar que “sim”, sendo sempre apontado suas “experiências” como base mais importante para que a sociedade pudesse ter uma nova visão em relação as pessoas mais velhas.

Sim, com certeza. Essa visão de que “velho” só serve pra “jogar bingo” como diz o ditado está mudando acredito que está surgindo um novo modelo de adultos de meia idade, mais centrado e em busca de realizar aquilo que por algum motivo não pode ser realizado quando eram mais jovens. Vemos por meio da mídia, que hoje algumas empresas estão apostando nas habilidades das pessoas mais velhas, estão valorizando suas experiências de trabalho e de vida” (A.2).

De acordo com Raposo e Gunther (2008, p. 372), “[...] para que o indivíduo mantenha seu bem-estar físico e social e acompanhe as mudanças e exigências da sociedade, faz-se necessário levar em consideração o ambiente em que vive, os valores sociais e individuais, bem como as circunstâncias de sua história de vida”. Em contrapartida, em relação as respostas dos jovens as mais frequentes foram a “expectativa dos adultos”, conforme relato da J.1: “Eles criam novas expectativas de melhorar a vida entrando em uma universidade”. Assim como a J.2 também argumenta: “Elas possuem uma nova expectativa, pois mesmo com muitas experiências, aquelas que deram um tempo nos estudos não possuem conhecimento suficiente.” A J.3 afirma que existe uma certa igualdade: “Sim, na universidade elas percebem que muitas opiniões são iguais aos jovens. Dando uma nova expectativa de vida na sociedade que estão inseridas. São ‘velhos’ porém o pensar é de jovem”. Igualmente o J.4 explica: “[...] Porque hoje a pessoa mais velha está melhor preparada profissionalmente, emocionalmente e fisicamente [...]”. E, por fim, o J.5 salienta que “A experiência de cursar um nível superior é sim bem relevante. Com as tecnologias e a *internet*, qualquer um pode ter acesso a educação”.

Por meio dessas respostas, percebemos que os jovens estão tendo uma nova visão em relação as pessoas mais velhas, que estão sendo cada vez mais aceitas entre pessoas de outras faixas etárias, principalmente as mais jovens.

No que se refere a questão sobre “Como você se via antes e como é sua vida hoje após ingressar na Universidade”, as respostas indicaram que houve mudanças importantes em suas vidas tanto para os adultos quanto para os jovens.

Antes achava que sabia muita coisa e até me conformava com algumas situações. Hoje sou outra pessoa, consigo fazer uma leitura das diversas situações, consigo ter uma posição às vezes crítica ou não dependendo da situação (A.1).

Antes acho que eu era um pouco conformada, já havia casado, tido um filho, já estava bom. Mas, como em um estalo, um dia resolvi dar a volta por cima e voltar aos estudos e hoje sou uma nova pessoa, aprendi muito com esse processo de conhecimento do novo, me relacionar com pessoas de várias idades, o que me fez ter uma mente mais aberta as discussões que antes talvez eu não tivesse coragem de expor minha opinião. Acredito que hoje tenho uma visão mais crítica (A.2).

Bem antes me via de cabeça baixa, achando que não tinha capacidade, que já havia passado o tempo para mim. Hoje me vejo mais confiante, mais dona de mim, capaz de ir e vir sozinha, resolver os meus problemas sozinha (A.3).

Sou uma nova pessoa, mudança de valores, atitudes e comportamento, as vezes fico parada observando a fala das pessoas, suas atitudes, quero mudar o mundo, mas vejo que não posso provar para todos que é preciso muita força de vontade para recomeçar frente as mudanças tecnológicas, dificuldades financeira, como professora sei que é lá na educação infantil que podemos começar a fazer a diferença (A. 4).

Antes minha vida além dos afazeres de casa é claro, meu passatempo preferido era assistir os programas da televisão e por incrível que pareça na hora do jornal nacional dificilmente eu estava na frente da TV, era só novela, filmes, desenhos, nada de cultura, nada de aprendizado sadio. Hoje percebo que tem muita coisa além daquele meu mundinho, coisas que nunca pensei que um dia faria, querer estar atenta as coisas que me cerca, me interessando mais por jornais, livros e também em entender certas coisas que antes não compreendia, até mesmo em relação a educação de crianças, hoje tenho uma netinha e sei lidar com ela muito melhor do que quando lidava com meus filhos (A.5).

Percebemos mediante as respostas obtidas, como foram importante para todas as participantes da pesquisa o ingresso na universidade, porque essas pessoas se descobriram, se desenvolveram, evoluíram, perceberam que era possível aprender, conforme relata Freire (2004, p. 79): “Ninguém nasce feito. Vamo-nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos

parte”. Também Galiza (2014, p. 9) enfatiza: “A vida é promotora de grandes aprendizagens e mudanças que consiste em um movimento único e intransferível para cada pessoa”.

Quanto aos jovens, apesar de pouco tempo no meio universitário, já percebem que estão acontecendo transformações, principalmente quando se refere à busca de uma identidade ou mesmo de uma autonomia frente aos fatores que influenciam direta ou indiretamente esses jovens em busca melhores perspectiva de vida.

Para melhor analisamos as falas dos jovens da pesquisa em relação de “Como você se via antes e como é sua vida hoje após ingressar na Universidade? Destacamos algumas falas.

Antes de entrar na universidade meu conhecimento era raso e superficial da vida e a universidade trouxe oportunidade de conhecer pessoas mais conceituadas, pessoas de vários tipos de cultura, fazendo assim que me desperte um ponto de vista mais crítico (J.1).

Antes a minha vida era tranquila e hoje tenho mais responsabilidades, adquirindo assim, maior conhecimento (J.2)

Procuo evitar de seguir o senso comum, é como sair de uma caverna, consigo observar e realizar tarefas que antes eu não me interessava. Busco ser mais crítico com as pessoas (J.3).

Me via sem muito compromisso, levava a vida mais solta, com os meus pais para resolver tudo, agora não. Tenho que estudar com mais responsabilidade e tomar decisões sozinhas de maneira correta (J.4).

A maioria das crianças/adolescentes acham que suas vidas estão predestinadas a muito sucesso e dinheiro, mas a realidade é outra e precisamos encará-la (J.5).

Percebemos que parece estar havendo uma ruptura do que era entendido antes do que estão vivenciando agora, como se nessa última fala representasse a versão de um pai ou mãe sobre o que o filho pode esperar da vida, que nada é fácil e que deve-se ter muita responsabilidade, dedicação e comprometimento, como se dissessem que “as coisas não caem do céu”.

Diante do exposto, de acordo com Silva (1995, p. 28), baseia-se nas ideias de Bourdieu (1979) ao descrever: “É neste sentido, como mecanismo de mudança social, que a cultura adquire de fato uma independência com relação às outras dimensões de classe; no momento em que ela, por si mesma, pode contribuir para determinar a posição social de indivíduos ou grupos”. Ou seja, quando as pessoas buscam conhecimento e mudança de vida essas transformações são bastantes significativas para cada um.

Ao responder sobre “O que mudou e o que permaneceu igual em sua vida” a maioria das mulheres adultas declarou que tudo mudou, os valores, as atitudes, conforme relato de uma das participantes da pesquisa.

Acho que o que mudou na minha vida foi a minha forma de pensar o mundo, não como algo que só eu vejo daquela forma, mas, algo grande extenso, que existe várias formas de pensamentos, pessoas, culturas, acredito que hoje sou uma pessoa mais crítica. O que permaneceu igual acho que minha simplicidade, o amor pela minha família, meu modo de ver e acreditar no ser humano, como algo que ainda tem jeito (A.2).

Quanto aos jovens, ao reponder sobre a mesma pergunta sobre o que mudou após a entrada na universidade, a maioria mencionou a responsabilidade, conforme relato da J.1: “Me trouxe mais responsabilidade, compromisso e principalmente fortaleceu os meus sonhos”. Para Santos e Antunes (2007, p. 154), “Os motivos internos de tornar-se útil aos demais, talvez pela disponibilidade de tempo, ou por motivações externas de sentir-se bem, assim como a busca por uma qualidade de vida não descoberta, podem ser alguns dos aspectos que possibilitem novas vivências”. Isso faz com que o jovem passe a dar valor ao que acontece em sua volta.

Essa vida de descoberta e aprendizados fez com que as pessoas pesquisadas refletissem sobre sua vida atual, como explana a A.2: “Gosto de tudo que conquistei com muito esforço e dedicação, da minha família, dos amigos que pude fazer durante minha graduação, de poder ser eu”. Também a A.3 argumenta: “Ah, o que mais gosto é saber que tenho habilidades para conhecer o novo, não ficar perdendo tempo com preocupações com o fato de estar caminhando para a velhice”. Evidencia-se em suas falas que o sentido de estar envelhecendo já não é mais tão importante quanto a conquistar seu espaço frente as diversidades de novas possibilidades existentes nesse processo de desenvolvimento.

Em relação aos jovens, o que mais nos chamou atenção foi o relato da J.1: “Gosto de cada detalhe e levo sempre o pensamento de que devemos viver a vida da melhor forma possível, sempre dando valor nos pequenos detalhes”. O que demonstra seu olhar frente as diversidades de situações que estão em sua volta, os demais jovens da pesquisa destacaram a família; a universidade e mais uma vez a responsabilidade frente as mudanças, o que faz com que os jovens busquem cada vez mais sua autonomia.

E por fim, ao responder sobre “o que esperam do futuro”, todos os dez participantes citaram a possibilidade de poder trabalhar na área profissional que escolheram, colocando em prática todo o aprendizado adquirido, contribuindo assim com a existência de uma sociedade melhor e mais feliz.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado, percebemos que não existem muitas pesquisas relacionadas à idade adulta e que, as poucas existentes, abordam mais sobre as pessoas idosas, especificamente em relação a sua saúde. Neste sentido, importa dizer que a pesquisa relativa ao adulto de meia idade na sociedade e a convivência com os jovens dentro do mesmo espaço universitário, nos trouxe relatos importantes. Nos fez perceber que os jovens investigados têm uma visão otimista em relação aos adultos que voltam aos estudos depois dos quarenta anos e que os conflitos e preconceitos estão mais relacionados a subjetividade de cada pessoa.

Os adultos em alguns momentos se sentiram mesnosprezados pelos mais jovens, em contrapartida os jovens disseram que não presenciaram nenhum preconceito é que consideram admirável a atitude do adulto em voltar a estudar.

Refletindo sobre as respostas dos adultos, ao comentar se conseguiriam acompanhar os jovens nos estudos, ficou claro os esses obstáculos foram ultrapassados, podendo todos acompanhar os estudos de maneira igualitária. Os conflitos existentes foram superados e as trocas de saberes entre jovens e o adultos foram vistos como um meio para que se construíssem novos caminhos para a aquisição de novos conhecimentos.

Para as pessoas adultas, a busca por realizar os sonhos que outrora foram adiados, se caracterizou em mudanças, anseios e desenvolvimento pessoal. A iniciativa de voltar a estudar, depois de tanto tempo afastadas da escola, contribuiu para que descobrissem as próprias capacidades, de desempenhar papéis sociais importantes, a ponto de superar suas dificuldades e o preconceitos que muitas vezes existem na sociedade.

Nessa perspectiva, percebemos que o estudo nos trouxe muitas contribuições sobre o desenvolvimento de adultos de meia idade no espaço universitário, evidenciando que essa volta aos estudos é entendida como importante, para uma melhor efetivação em vários aspectos intelectuais e pessoais.

Assim, foi possível perceber, mediante os resultados obtidos que, apesar de idades diferentes, existe a possibilidade de todos os estudantes universitários terem uma boa interação em sala de aula, resultando em aprendizagens coletivas, construídas por pessoas que encontram-se em diferentes fases do processo de desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASIL. **Pesquisa constata que idosos vivem mais e melhor.** Publicada em 12 de outubro de 2007. Disponível em: <<http://www.nominuto.com/noticias/brasil/pesquisa-constata-que-idosos-vivem-mais-e-melhor/6599/>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

BEE, H. **O ciclo vital.** Tradução de Regina Garcez. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BERTBOUND, C. M. E. Analisando as fases do ciclo vital. In.: CERVENY, C. M. O., et al. (Org.). **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa.** São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 179-214, 2010.

BRASIL. **Lei nº. 10.741**, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Brasília. CNDI, 2003.

BRASIL. **Lei nº. 12.711/2012** (Lei de Cotas), SISU Sistema de seleção unificada. Brasília, MEC/SESu, 2016. <Disponível em: <http://sisu.mec.gov.br/sisu>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

CORDEIRO, D. **Juventude nas sombras: escola, trabalho e moradia em territórios de precariedades.** Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2009.

DOBERT, G. G. **A Reivenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento.** São Paulo: USP/FAPESP, 2012.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições.** Tradução Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH Editora, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da tolerância.** São Paulo, Editora UNESP, 2004.

GALIZA, C. J. R. B.. Educação popular e transgeracionalidade: uma prática educativa em saúde à luz de Paulo Freire. **EPENN**. Natal/ RN: out, 2014.

GONÇALVES, J. P. Ciclo Vital: Início, Desenvolvimento e Fim da Vida Humana, Possíveis Contribuições Para Educadores. **Contexto & Educação**. Ijuí, RS, v. 31, n.º 98, p. 79-110, jan./abr., 2017..

JARVIS, P: O futuro da educação de adultos na sociedade da aprendizagem. **Revista Portuguesa de Educação**. Ano 35, n.º 1, p. 13-30, 2001.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 18ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MOSQUERA, J. J. M. **Vida adulta: personalidade e desenvolvimento**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1987.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBBAUS, C. D. Percurso da vida adulta e suas implicações no educador. IN.: ISAIA, S. M. A.; BOLZAN, D. P. V. (Orgs.) **Pedagogia universitária e desenvolvimento profissional docente**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 27-46, 2009.

NERI, A. L. Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. In.: NERI, A. L. **Psicologia do envelhecimento**. Campinas, SP: Papyrus, p. 13-40, 1995.

OLIVEIRA, M. C. S. L.; PINTO, R. G.; SOUZA, A. S. Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 11, n. 1, p. 16-27, jun. 2003 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2003000100003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 20 jan. 2018.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PAULA, R. S. Universidade da Maturidade: uma proposta de educação permanente para a educação de jovens e adultos. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 44, v. 1, p. 2-9, set. 2007.

PIMENTA, S. G. **Estágio e docência**. 5^a. ed., São Paulo: Cortez, 2010.

RAPOSO, D. M. S. P; GUNTHER, I. A. O ingresso na universidade após os 45 anos: um evento não-normativo. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 123-131, mar., 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 jan. 2018.

RIBEIRO, M. C. F. Teorias psicológicas do desenvolvimento. **Revista Interativa**. São Paulo: Universidade Paulista UNIP, 2011. Disponível em:

http://unipvirtual.com.br/material/2011/licenciatura/teorias_psic_des/unid_1.pdf. Acesso em: 7 out. 2017.

SANTOS, B. S.; ANTUNES, D. D. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 1, v. 61, p. 149-164, jan./abr., 2007.

SCHNEIDER, R. H. IRIGARAYO, T. Q. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais**. Campinas: Editora, 2008.

SCHNEIDER, S. M. FONSECA, M. C. F. R. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 122, p. 227-244, jan./mar. 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/873/87326413012.pdf> >. Acesso em: 10 dez. 2017.

SILVA, G. O. V. Capital Cultural, Classe e Gênero em Bourdieu. **Informare** - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, v.1, n.2, p. 24-36, jul./dez. 1995. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/215/1/OlintoSilvaINFORMAREv1n2.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2017.

VEJA.COM. Um terço dos brasileiros com curso superior volta à universidade depois dos 40 anos. Publicado no dia 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/educacao/um-terco-dos-brasileiros-com-curso-superior-volta-a-universidade-depois-dos-40-anos/>>. Acesso em: 5 out. 2017.

